

**MUDANÇAS NAS REGIÕES HISTÓRICAS DE PERDAS
POPULACIONAIS:
O CASO DAS MESORREGIÕES NORTE, JEQUITINHONHA E MUCURI, MG***

Helder dos Anjos Augusto*
Luiz Henrique A. Silvestre♦

RESUMO

A dinâmica da distribuição espacial da população de Minas Gerais tem fornecido elementos de grande importância para as discussões sobre os processos de configuração de novas áreas de atração populacional. Nesse sentido, o objetivo deste artigo, com base nas informações de data-fixa dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, é analisar o comportamento recente da migração nas mesorregiões históricas de perdas populacionais, complementadas pelas respectivas microrregiões selecionadas, levando-se em conta a origem e destino dos migrantes de Minas Gerais. Na análise dos resultados migratórios das mesorregiões conhecidas pela tradição de exportação de contingentes populacionais do Estado de Minas Gerais para outras UFs/Regiões, constatou-se que se mantêm os movimentos de saída, porém com arrefecimento. Houve também um redirecionamento de alguns fluxos migratórios em direção à região Nordeste do país, inferindo-se ser essa uma opção de movimento de curta distância, tendo em conta a relativa estagnação do mercado de trabalho, a desconcentração industrial na região Sudeste e os menores riscos e custos no deslocamento. Consideráveis levas de população que imigraram para as mesorregiões do Norte, Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri vieram da região Sudeste do país, principalmente do Estado de São Paulo, sugerindo ser um movimento de retorno desses migrantes, visto que tais mesorregiões não apresentaram, ao longo do período analisado, fatores atrativos que explicassem tal fenômeno. No âmbito da migração intraestadual, percebe-se a manutenção e intensificação nas perdas de população. Essas regiões mineiras tradicionais de expulsão de população vão reforçando o aumento significativo nos volumes migratórios, exceto a região do Mucuri que apresentou uma suave redução nos seus volumes. As mudanças de modalidade migratória podem estar aliadas às novas áreas de oportunidade que o Estado vem oferecendo, novas estratégias de migração e o fortalecimento e ampliação de redes sociais entre os migrantes no interior do Estado, as quais estão calcadas na interação dos atores distribuídos em suas respectivas estruturas sociais.

Palavras-Chave: Migração interna, Mesorregiões, Norte, Jequitinhonha, Mucuri, MG

* Trabalho apresentado no XIII SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA: Economia, História, Demografia e Políticas Públicas. Diamantina, 26 a 29 de agosto de 2008

* Membro e pesquisador do Núcleo PPJ - Núcleo de Pesquisa e Apoio a Agricultura Familiar Justino Obres. <http://dgp.cnpq.br/censos/>

♦ Membro e pesquisador do Núcleo PPJ - Núcleo de Pesquisa e Apoio a Agricultura Familiar Justino Obres. <http://dgp.cnpq.br/censos/>

1. Introdução

As sucessivas e profundas mudanças da distribuição espacial da população urbana e rural brasileira têm fornecido elementos de grande importância para as discussões sobre a configuração de novas áreas de atração, as quais diferem das tradicionais (grandes centros urbanos e fronteiras agrícolas). A importância da análise da nova configuração migratória no Estado de Minas Gerais vem sendo discutida em vários estudos sobre o tema e evidencia, desde o início dos anos 90, uma tendência de consolidação das transformações na dinâmica migratória brasileira. Observa-se, ainda, o fortalecimento de duas vertentes complementares do atual processo de distribuição espacial da população: de um lado, a continuidade do expressivo retorno populacional aos Estados de nascimento; de outro, o prosseguimento da redução no âmbito do ímpeto das migrações de longa distância e o aumento de importância das migrações intrarregionais e intraestaduais. A comparação do processo migratório de 1940-1980 com os novos processos migratórios sugere, neste último caso, a emergência de um padrão de mobilidade espacial da população mineira “bem mais complexo do que o anterior” (CARVALHO et al. 2000, p. 848).

Nota-se que o Estado de Minas Gerais registrou, no passado, grandes perdas de população com saída de mineiros para outros Estados, conforme apontado em estudo de Rigotti & Vasconcellos (2003). Só na década de 60, segundo os autores, mais de um milhão de pessoas deixaram o Estado de Minas Gerais com destino a outras Unidades da Federação. Contudo, apesar da participação relativa de emigrantes de Minas Gerais no conjunto da migração interestadual, dados mais recentes apontam que, além dos mineiros deixarem o Estado com menor intensidade, há um aumento no número daqueles que retornam com a família, havendo também a chegada de um expressivo contingente de pessoas naturais de outros Estados (MATOS, 2000).

Outro estudo, por Carvalho et al. (1998) também constatou que cerca de 47% dos migrantes no período de 1981/1991 eram constituídos de naturais de Minas Gerais que retornaram ao Estado. Para Baeninger (2000a), uma das características da migração recente na cidade de São Paulo é o movimento de retorno dos migrantes de origem nordestina, mineira e paranaense. De acordo com a autora, no quinquênio 1986/1991, saíram da cidade de São Paulo cerca de 11 mil migrantes, cujo destino foram as regiões de Minas Gerais. Esse processo representa um fluxo migratório inverso àquele que ocorreu nos anos 60.

Minas Gerais tem especial destaque nesse contexto, pois, em virtude de sua posição geográfica, outrora tornou-se um grande pólo provedor de trabalhadores para as demais regiões do Brasil, mas, principalmente, para a própria região Sudeste, com ênfase em alguns estados vizinhos. Cunha & Baeninger (2000a) observaram que os Estados de Minas Gerais e Paraná deixaram, como apontado anteriormente, de perder grandes levas de população para outras Unidades da Federação, especialmente o estado de São Paulo. Essa redução da emigração de Minas para o Estado de São Paulo está relacionada, também, à perda da capacidade de sustentação do mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo. Para Cunha & Baeninger (2000a), os fluxos de emigração de maior intensidade, em Minas Gerais, têm-se mantido dentro de seus limites estaduais.

A discussão anterior aponta para a necessidade de uma investigação mais minuciosa dos processos recentes da migração no Brasil, conforme as tendências sugeridas por Carvalho et al. (2000). No âmbito dessa necessidade, interessa responder, nesse trabalho, quais transformações estão inseridas no âmbito das mudanças recentes da migração no estado de Minas Gerais. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar, com base nos Censos Demográficos de 1991 e 2000, o comportamento recente

da migração nas mesorregiões Norte, Jequitinhonha e Mucuri, tendo como referência a origem e destinos dos migrantes de Minas Gerais. Especificamente, o estudo procura identificar e analisar os principais fluxos, a partir do número de imigrantes e emigrantes interestaduais, bem como calcular os saldos migratórios, entre os quinquênios 1986/1991 e 1995/2000; analisar o comportamento dos deslocamentos de população entre as mesorregiões e nas mesorregiões, tanto em relação aos contingentes envolvidos, quanto à sua direção; e calcular os saldos migratórios interestaduais. No âmbito da análise da migração intraestadual, será discutida a migração na modalidade inter-mesorregional.

2. Migração interestadual

Em se tratando de migrações internas, desde meados do século XX, o Estado de Minas Gerais representava para o Brasil o grande centro de distribuição de contingentes populacionais para outras Unidades da Federação, principalmente para as da região Sudeste do país. Esse processo de fornecimento de mão-de-obra para outros Estados se insere dentro de um plano de desenvolvimento industrial em que Estados como São Paulo se beneficiaram da unificação dos mercados brasileiros (MARTINE, 1994a). Essa unificação, aliada à construção de estradas e ao desenvolvimento das comunicações, facilitou as migrações interestaduais.

Brito (2002, p.3) aponta os desequilíbrios regionais, sociais e econômicos existentes no país como os responsáveis pelo fortalecimento das trajetórias migratórias, que se desenvolveram de forma cada vez mais intensa em direção às regiões que reuniam melhores condições de vida, causando o inchamento de umas e o esvaziamento de outras. Essas trajetórias, subsidiadas pelas desigualdades regionais e sociais, “se estruturaram para atender, não só às necessidades de transferência regional do excedente de força de trabalho, mas, também, serviram como um importante mecanismo de integração social e cultural do território”. Os grandes deslocamentos de população oriunda de Minas Gerais em direção a região Sudeste, principalmente estado de São Paulo, centro-sul e fronteiras agrícolas (Paraná e mais tarde região Centro-Oeste – Goiás e Mato Grosso – e Noroeste do País – Rondônia) tiveram grande influência na distribuição regional da população brasileira.

No período mais recente, conforme sugere a tabela 5, há uma tendência de Minas Gerais se tornar um Estado ganhador de população, situação contrária à que experimentou em períodos anteriores a década 90. Quando observados os dados do quinquênio 1986/1991, o Estado apresentava um saldo migratório negativo, da ordem de 107.507 pessoas. Já no quinquênio 1995/2000, o saldo migratório interestadual se torna positivo, alcançando a importante cifra de 39.124 pessoas, o que representa uma mudança significativa na troca de sinal do saldo migratório do Estado. Essa mudança de sinal dos saldos negativos para positivos, deu-se, fundamentalmente, através do aumento do número de imigrantes e da reação inversa no número de emigrantes. Houve um aumento de 75.891 imigrantes de data-fixa de um quinquênio (1986/1991) para o outro (1995/2000), ou seja, um acréscimo de mais de 20%. A queda sofrida pela emigração foi de 70.739 pessoas, significando um decréscimo da ordem de 15%.

No período 1986/1991, o Estado de Minas Gerais apresentou saldo migratório interestadual positivo com as regiões Nordeste e Extremo Sul; Estados do Rio de Janeiro e Paraná e; saldo migratório negativo com as regiões Norte e Centro-Oeste, Estados do Espírito Santo e São Paulo. No quinquênio 1995/2000, os saldos mantiveram-se positivos, porém em níveis mais elevados, à exceção do Estado do Rio de Janeiro no

qual houve decréscimo. Os saldos negativos também mantiveram-se, embora apresentando queda, à exceção de São Paulo, única UF a mudar de sinal no intervalo analisado (1986/1991 e 1995/2000). A mudança de sinal do saldo migratório no Estado de São Paulo foi decisivo na inversão do papel de Minas Gerais no cenário migratório nacional. Isso se justifica, pelo peso que o Estado de São Paulo exerce no volume migratório mineiro, cerca de 50% do total (TAB 1). Constata-se que São Paulo é o principal Estado de destino e origem dos migrantes mineiros. Esta constatação, também foi detectada por Augusto & Brito (2006) quando analisaram as trocas migratórias entre as microrregiões de Minas Gerais e o resto do Brasil.

Essa realidade de trocas populacionais com o Estado de São Paulo também foi constatada por Rigotti (1999), com base em dados do quinquênio 1986/1991, quando a Região Metropolitana de São Paulo recebeu 102.815 emigrantes mineiros e o interior de São Paulo, 133.271 emigrantes do Estado de Minas Gerais. Contudo, no mesmo período, o Estado mineiro recebeu 97.355 imigrantes provenientes da Região Metropolitana de São Paulo e 48.469 imigrantes do interior de São Paulo.

Apesar de Minas Gerais ter apresentado um volume migratório (imigração+emigração) relativamente menor com a região Nordeste, o saldo migratório (negativo) desta última foi maior (-27.918 migrantes) que o apresentado pelo Estado de São Paulo (-23.461 migrantes). Com relação à região Centro-Oeste, a redução foi de praticamente 50% e com o Estado do Espírito Santo, 62%. Esses foram os comportamentos mais expressivos. A expressiva redução de saídas em direção à Região Centro-Oeste constitui “um fato estrutural que já se consubstanciava após os anos de 1960” (RIGOTTI, 2003, p. 45). Segundo o mesmo autor, foi na década de 1980, com a crise econômica, que a intensidade das ocupações da fronteira agrícola na região Centro-Oeste, com seu conseqüente fechamento, se reduziu consideravelmente.

TABELA 1: Imigrantes e emigrantes interestaduais de data-fixa e saldos migratórios, segundo as Regiões e Unidades da Federação selecionadas. Minas Gerais, 1986/1991 e 1995/2000

Regiões e Unidades da Federação	1986/1991			1995/2000		
	Imigrantes	Emigrantes	SM	Imigrantes	Emigrantes	SM
Norte	18.626	24.881	-6.256	16.863	20.398	-3.535
Nordeste Setentrional	4.288	2.564	1.724	7.012	4.708	2.304
Nordeste Central	14.812	7.076	7.736	19.697	11.785	7.912
Nordeste Meridional	29.737	18.899	10.838	38.368	20.666	17.702
Espírito Santo	27.726	51.402	-23.676	29.532	38.517	-8.985
Rio de Janeiro	58.084	45.555	12.529	57.050	48.323	8.727
São Paulo	145.823	236.086	-90.263	201.886	178.425	23.461
Paraná	15.308	9.746	5.562	14.059	9.460	4.599
Extremo Sul	5.060	4.567	493	6.617	6.202	415
Centro Oeste	52.427	78.619	-26.192	56.698	70.174	-13.475
Totais Interestaduais	371.891	479.397	-107.506	447.782	408.658	39.124

Fonte: IBGE, Censos Demográfico de 1991 e 2000. Microdados do CEDEPLAR trabalhados pelos autor
SM – Saldos Migratórios

Ver-se-á, nas tabelas seguintes, o comportamento das mesorregiões históricas do Estado em termos de perdas populacionais. As mesorregiões em discussão serão a Norte de Minas, Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri, por serem as mais expressivas.

2.1 Período 1986/1991: imigrantes, emigrantes e saldos migratórios

Analisando os fluxos de origem e destino no quinquênio 1986/1991 (TAB. 2) constatou-se que o Estado de São Paulo e a Região Nordeste do Brasil são as principais áreas que enviam população para a mesorregião do Norte de Minas. Em relação às evasões na mesorregião, 66% dos emigrantes se dirigiram para o Estado de São Paulo e 21% para a região Centro-Oeste do país. Portanto, são os movimentos de troca populacional com o Estado de São Paulo que acabaram resultando em saldos negativos para a mesorregião, pois o volume de saídas é bastante expressivo.

Informações sobre o movimento migratório no Vale do Jequitinhonha em relação às UFs/Regiões do país apontam que os principais fluxos imigratórios tiveram como origem a região Nordeste do Brasil e o Estado de São Paulo, que em conjunto perfizeram um percentual de 79% do total que a mesorregião recebeu no movimento interestadual. Da região Nordeste do país, a maioria da população migrante se dirigiu para a microrregião de Almenara; já os oriundos de São Paulo se distribuíram mais equitativamente entre todas as microrregiões que compõem o Vale do Jequitinhonha (TAB.2).

Matos (2000), ao estudar a migração no vale do Jequitinhonha a partir do Censo demográfico de 1991, verificou que

Os imigrantes residentes na Região do Jequitinhonha em 1991 incorporavam cerca de 78.930 pessoas, o que representava 9% da população total recenseada no mesmo ano. Eram em sua grande maioria jovens distribuídos principalmente entre os 10 e 34 anos de idade apresentando uma composição por sexo equilibrada, mas com pequeno predomínio da população masculina (MATOS, 2000, p. 891)

Estes sugerem que a mobilidade espacial da população do Vale esteja, em grande medida, aliada à busca de emprego, em função da precariedade do mercado de trabalho na região. Para Matos (2000, p. 897) a busca do emprego por parte dos homens, de origem rural, tem sido muito manifestada e, assim, *entendem-se as médias de idade significativamente mais baixas da população masculina.*

Por outro lado, São Paulo acaba sendo o principal destino dos contingentes populacionais originários da mesorregião Vale do Jequitinhonha (TAB.3). Além de São Paulo, outros Estados, apesar de inexpressivos, como o Espírito Santo e as regiões Nordeste (Bahia) e Centro-Oeste constituem também outros destinos dos emigrantes do Vale do Jequitinhonha. De uma forma geral, essa mesorregião obteve saldo negativo com, praticamente, todas as UFs/Regiões brasileiras.

Em decorrência do histórico declínio econômico regional, as migrações internas relativas ao Vale do Jequitinhonha têm se mostrado importantes há muito tempo. Se o Alto Jequitinhonha chegou a ser uma área de atração de população no século XVIII, por força da extração do diamante e ouro, o Baixo e o Médio Jequitinhonha tornaram-se áreas de imigração no século XIX e primeiras décadas do século XX, quando a expansão da pecuária de corte propiciou a vinda de mineiros (de outras regiões), nordestinos e, principalmente baianos (...) Nas últimas décadas, no entanto, essas sub-regiões tornaram-se áreas economicamente estagnadas e expulsoras de população, notadamente o Baixo e Médio Jequitinhonha (MATOS, 2000, p. 890).

A tabela 2 aponta, também que o grande volume de migrantes recebido na mesorregião Vale do Mucuri veio da região Nordeste do país e Estado de São Paulo. Em relação às saídas, o Estado de São Paulo recebeu cerca de 62% do contingente populacional proveniente desta mesorregião mineira (TAB.3). Depois de São Paulo, o Estado do Espírito Santo foi responsável por boa parte dos emigrantes do Mucuri.

O Nordeste do Brasil foi a terceira região, em termos de absorção de população migrante do Vale do Mucuri. Devido a esse comportamento populacional, o resultado foi de apenas um saldo positivo para com a região Extremo Sul (TAB. 4).

TABELA 2: Número de imigrantes interestaduais de data-fixa por Unidades da Federação e Regiões de origem, segundo as mesorregiões selecionadas de destino. Minas Gerais, 1986/1991.

Mesorregiões	Norte	Nordeste	ES	RJ	SP	PR	E. Sul	C. Oeste	Total
Norte	430	5.901	222	1.156	8.934	478	196	1.967	19.284
Jequitinhonha	465	3.277	319	425	3.235	129	22	411	8.283
Mucuri	250	3.222	1.636	631	2.588	59	47	226	8.659
Outras	17.481	36.438	25.549	55.872	131.065	14.642	4.795	49.823	335.665
Total	18.626	48.837	27.726	58.084	145.823	15.308	5.060	52.427	371.891

Fonte: IBGE, 1991. Censo Demográfico de 1991. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor.

ES - Espírito Santo; RJ - Rio de Janeiro; SP - São Paulo; PR - Paraná; E.Sul - Extremo Sul; C.Oeste - Centro-Oeste

TABELA 3: Número de emigrantes interestaduais de data-fixa por Unidades da Federação e Regiões de destino, segundo as mesorregiões selecionadas de origem. Minas Gerais, 1986/1991.

Mesorregiões	Norte	Nordeste	ES	RJ	SP	PR	E. Sul	C. Oeste	Total
Norte	1.212	3.513	328	797	35.421	927	76	11.437	53.711
Jequitinhonha	796	3.631	1.086	826	21.073	450	226	1.191	29.279
Mucuri	1.904	5.138	6.045	1.723	13.315	168	42	986	29.321
Outras	20.970	16.259	43.942	42.209	166.277	8.200	4.223	65.005	367.085
Total	24.881	28.540	51.402	45.555	236.086	9.746	4.567	78.619	479.397

Fonte: IBGE, 1991. Censo Demográfico de 1991. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor.

ES - Espírito Santo; RJ - Rio de Janeiro; SP - São Paulo; PR - Paraná; E.Sul - Extremo Sul; C.Oeste - Centro-Oeste

TABELA 4: Saldo migratório interestadual por Unidades da Federação e Regiões selecionadas, segundo as mesorregiões selecionadas do Estado. Minas Gerais, 1986/1991.

Mesorregiões	Norte	Nordeste	ES	RJ	SP	PR	E. Sul	C. Oeste	Total
Norte	-782	2.388	-106	359	-26.487	-449	120	-9.470	-34.427
Jequitinhonha	-331	-354	-767	-401	-17.838	-321	-204	-780	-20.996
Mucuri	-1.654	-1.916	-4.409	-1.092	-10.727	-109	5	-760	-20.662
Outras	-3.490	20.179	-18.393	13.663	-35.211	6.442	572	-15.182	-31.420
Total	-6.256	20.297	-23.676	12.529	-90.263	5.562	493	-26.192	-107.506

Fonte: IBGE, 1991. Censo Demográfico de 1991. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor.

ES - Espírito Santo; RJ - Rio de Janeiro; SP - São Paulo; PR - Paraná; E.Sul - Extremo Sul; C.Oeste - Centro-Oeste

Essas mesorregiões, caracterizadas por enormes desigualdades de renda, grande concentração fundiária e problemas de seca do semi-árido (agravado pela chamada "indústria da seca", que beneficia políticos e latifundiários em detrimento das massas), foram durante muito tempo, especialmente na segunda metade do século XX, unidades geográficas mineiras de forte repulsão populacional. Devido à maior oferta de empregos em outras regiões do Brasil, principalmente nas décadas de 60, 70 e 80, a emigração do Norte de Nordeste de Minas foi destaque na dinâmica populacional brasileira, em especial na região Sudeste e principalmente no Estado de São Paulo.

A literatura indica, também, que boa parte dos emigrantes dessas regiões do Estado eram provenientes da área rural e que o arrefecimento da emigração nessa, aliado, de certa forma, à reconcentração industrial e aos empregos pouco qualificados, estava condicionado a São Paulo, conforme aponta CANO (1998).

2.2. Período de 1995/2000: imigrantes, emigrantes e saldos migratórios

Para o quinquênio seguinte (TAB. 5, 6 e 7), não há grandes alterações em termos de origem e destino, pois os movimentos mantiveram o mesmo desempenho. Apenas realçou-se a tendência de diminuição nas saídas da mesorregião para as regiões tradicionais de absorção. Devido a esses aspectos, o saldo migratório interestadual do Norte de Minas permaneceu negativo apresentando, entretanto, significativa redução.

Por um lado, percebe-se uma concentração da população de Norte Minas na microrregião de Montes Claros, por outro, a forte presença, ainda, de população em áreas rurais nas microrregiões de Januária, Salinas e Grão Mogol. Esta última é a única microrregião que ainda apresenta uma população rural maior que a urbana, conforme mostra o Censo Demográfico de 2000 (anexo A1). Mas é a área urbana desta microrregião que apresentou maior taxa média de crescimento populacional no período de 1991/2000 (anexo A3). Apesar da população estar mais concentrada em Montes Claros, é na microrregião de Pirapora que a taxa de urbanização é a mais alta da mesorregião, com 74%.

Dados do IBGE (2000) revelam que, além da mesorregião manter ainda o percentual de população rural, ela é servida pela extensão da cadeia da fruticultura. Ademais, a grande atratividade dos mercados da mesorregião é favorecida pelas rodovias BRs pavimentadas em direção a Belo Horizonte, São Paulo, porto do Rio de Janeiro, Vitória da Conquista e porto de Ilhéus/BA.

De acordo com as tabelas 5, 6 e 7, que explicitam numericamente o cenário migratório das microrregiões do Vale do Jequitinhonha, no período 1995/2000 não

houve alterações significativas nas áreas de atração e repulsão populacional, continuaram sendo as tradicionais. Mesmo assim, os saldos migratórios interestaduais continuaram negativos, o que sugere haver, ainda, uma grande leva de pessoas se deslocando em direção ao Estado de São Paulo, mesmo com tendência de queda. Por outro lado, percebe-se uma nova rota de emigração interestadual se formando em direção ao Nordeste brasileiro, principalmente de pessoas com origem na microrregião de Almenara.

Ribeiro et al. (2004) sustentam que grande parte dos mineiros oriundos das regiões rurais do Vale Jequitinhonha e Mucuri com destino a cidades do Sudeste, principalmente a capital de São Paulo, se deslocavam em diferenciados regimes: "...de fazendas ou pequenas glebas familiares, os sítios". Seus propósitos também eram diferentes, pois uns migravam definitivamente para buscar 'futuro' noutras terras e outros migravam para melhorar seus terrenos no futuro" (RIBEIRO et al. 2004, p. 241).

A grande evasão rural que se fez sentir, principalmente na mesorregião do Vale do Jequitinhonha, está ligada, em grande medida, à própria distribuição de terras. De acordo com Ribeiro (1996), boa parte das famílias que faz uso da terra são pequenos agricultores, situação esta diferente da de outras regiões de Minas Gerais, que possuem muitos latifúndios. É importante, também, ressaltar que a população rural do Vale Jequitinhonha, principalmente das microrregiões de Capelinha e Araçuai, representam um contingente considerável na mesorregião (anexo, A2). Esta constatação pode ser verificada, também, pelas taxas de urbanização destas microrregiões que, em 2000, estavam em torno de 44% (anexo A4).

Noutro estudo, Ribeiro (1996), aponta que os fazendeiros, pela própria natureza de ocupação da região, criavam normas e mecanismos de modo a permitir o uso da terra por parte dos moradores. Dessa forma, podemos entender que o acesso à terra na condição de parceiro, meeiro, agregado ou outro tipo de dependência está correlacionado à história do povoamento regional.

Com relação aos pequenos proprietários de terra, a história se repete. Para a região não só migraram e se estabeleceram pessoas detentoras de bens, mas também colonos pobres, que usavam a sua própria mão-de-obra para lavrar a terra (Ribeiro, 1996). Esta relação entre o trabalho e a mão-de-obra é regulamentada até os dias de hoje, a partir do poder do responsável da família, em que a sucessão e herança constituem elementos fundamentais no seio dessas famílias. Uma das estratégias das famílias rurais dessa região é a migração, pois o crescimento da família e a partilha da terra estão intimamente correlacionados. A busca de outro trabalho, às vezes, é sinônimo de conversão de mais terra para a família.

Esta relação entre o trabalho e a mão-de-obra é regulamentada até os dias de hoje, a partir do poder do responsável da família, em que a sucessão e herança constituem elementos fundamentais no seio dessas famílias. Uma das estratégias das famílias rurais dessa região é a migração, pois o crescimento da família e a partilha da terra estão intimamente correlacionados. A busca de outro trabalho, às vezes, é sinônimo de conversão de mais terra para a família.

Em outro trabalho realizado na mesma região, Ribeiro & Galizoni (2000) observaram a existência de uma relação entre o fenômeno migração e a terra: a saída dos trabalhadores rurais estaria condicionada aos aspectos de reprodução familiar, aos aspectos produtivos e à questão ambiental do lugar. Diante dessas constatações e de acordo com Flores (2002, p.99), algumas mudanças vêm ocorrendo no cenário brasileiro e especificamente em Minas Gerais. Segundo o autor "... os pequenos municípios dependem, na sua grande maioria, das atividades rurais, sejam agrícolas ou

não, principalmente daquelas que promovem o mercado local, seja para venda, seja para compra, como os agricultores familiares.

TABELA 5: Número de imigrantes interestaduais de data-fixa por Unidades da Federação e Regiões de origem, segundo as mesorregiões selecionadas de destino. Minas Gerais, 1995/2000.

Mesorregiões	Norte	Nordeste	ES	RJ	SP	PR	E. Sul	C. Oeste	Total
Norte	412	4.819	256	666	14.967	386	308	2.848	24.662
Jequitinhonha	101	2.612	409	652	5.750	136	60	419	10.139
Mucuri	156	2.626	1.680	699	3.478	59	50	282	9.030
Outras	16.194	55.021	27.187	55.033	177.691	13.478	6.199	53.149	403.952
Total	16.863	65.077	29.532	57.050	201.886	14.059	6.617	56.698	447.782

Fonte: IBGE, 2000. Censo Demográfico de 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor.

ES - Espírito Santo; RJ - Rio de Janeiro; SP - São Paulo; PR - Paraná; E.Sul - Extremo Sul; C.Oeste - Centro-Oeste

TABELA 6: Número de emigrantes interestaduais de data-fixa por Unidades da Federação e Regiões de destino, segundo as mesorregiões selecionadas de origem. Minas Gerais, 1995/2000.

Mesorregiões	Norte	Nordeste	ES	RJ	SP	PR	E. Sul	C. Oeste	Total
Norte	856	3.491	506	1.526	29.803	767	225	8.980	46.154
Jequitinhonha	1.226	3.942	947	1.234	17.963	342	38	1.280	26.972
Mucuri	576	3.848	4.316	1.226	10.145	153	95	577	20.936
Outras	17.740	25.878	32.748	44.337	120.514	8.198	5.844	59.337	314.596
Total	20.398	37.159	38.517	48.323	178.425	9.460	6.202	70.174	408.658

Fonte: IBGE, 2000. Censo Demográfico de 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor.

ES - Espírito Santo; RJ - Rio de Janeiro; SP - São Paulo; PR - Paraná; E.Sul - Extremo Sul; C.Oeste - Centro-Oeste

TABELA 7: Saldo migratório interestadual por Unidades da Federação e Regiões selecionadas, segundo as mesorregiões selecionadas do Estado. Minas Gerais, 1995/2000.

Mesorregiões	Norte	Nordeste	ES	RJ	SP	PR	E. Sul	C. Oeste	Total
Norte	-444	1.328	-250	-860	-14.836	-381	83	-6.132	-21.492
Jequitinhonha	-1.125	-1.330	-538	-582	-12.213	-206	22	-861	-16.833
Mucuri	-420	-1.222	-2.636	-527	-6.667	-94	-45	-295	-11.906
Outras	-1.546	29.143	-5.561	10.696	57.177	5.280	355	-6.187	89.356
Total	-3.535	27.918	-8.985	8.727	23.461	4.599	415	-13.475	39.124

Fonte: IBGE, 2000. Censo Demográfico de 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor.

ES - Espírito Santo; RJ - Rio de Janeiro; SP - São Paulo; PR - Paraná; E.Sul - Extremo Sul; C.Oeste - Centro-Oeste

Sintetizando a análise das mesorregiões conhecidas pela tradição de exportação de contingentes populacionais do Estado de Minas Gerais para outras UFs/Regiões, constatou-se que se mantêm os movimentos de saída, porém com arrefecimento. Houve também um redirecionamento de alguns fluxos migratórios em direção à região Nordeste do país, inferindo-se ser essa uma opção de movimento de curta distância, tendo em conta a relativa estagnação do mercado de trabalho, a desconcentração industrial na região Sudeste e os menores riscos e custos no deslocamento. Consideráveis levas de população que imigraram para as mesorregiões do Norte, Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri vieram da região Sudeste do país, principalmente do

Estado de São Paulo, sugerindo ser um movimento de retorno desses migrantes, visto que tais mesorregiões não apresentaram, ao longo do período analisado, fatores atrativos que explicassem tal fenômeno.

3. Migração intraestadual

Uma questão de fundamental importância, ligada ao comportamento da mobilidade espacial da população dentro de Minas Gerais, evidencia-se na análise dos fluxos internos da migração no Estado. Na verdade, tal interesse decorre, não apenas em função das diferenças regionais em termos de importância desses movimentos no crescimento das áreas consideradas, mas também porque esse diagnóstico pode contribuir para o entendimento das possíveis relações entre mesorregiões e microrregiões. Os fluxos realizados dentro do Estado, ou seja, os movimentos migratórios de data-fixa de uma mesorregião para outra mesorregião dentro do Estado

Sob a ótica dos fluxos migratórios inter-mesorregionais de data-fixa, as alterações ocorridas entre os quinquênios 1986/1991 e 1995/2000 podem ser observadas nas tabelas 8, 9 e 10.

A mesorregião Norte de Minas teve seus saldos negativos aumentados em relação a, praticamente, todas as demais mesorregiões do Estado, exceto com as mesorregiões do Nordeste de Minas (Vale do Jequitinhonha e Mucuri). Apesar de ter experimentado um incremento na imigração originária das mesorregiões Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Jequitinhonha, Noroeste de Minas e Triângulo/Alto Paranaíba, esse aumento das entradas não foi suficiente para suprir o déficit das saídas, gerando assim os saldos negativos mencionados. Por outro lado, a mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte representou a principal unidade geográfica de destino dos contingentes originários do Norte de Minas, pois essa unidade geográfica representou mais de 54% de todos os emigrantes nos períodos de 1986/1991 e 1995/2000 (**TAB. 8**).

TABELA 8: Imigrantes e emigrantes da mesorregião Norte de Minas e saldos migratórios, segundo as mesorregiões de origem e destino. Minas Gerais, 1986/1991 e 1995/2000

Mesorregiões do Estado de Minas Gerais	1986/1991			1995/2000		
	Imigração	Emigração	SM	Imigração	Emigração	SM
Noroeste de Minas	1.285	2.693	-1.408	1.683	3.107	-1.425
Vale do Jequitinhonha	1.630	1.002	628	1.807	890	917
Vale do Mucuri	194	273	-79	204	108	95
Triângulo/Alto Paranaíba	555	3.388	-2.833	1.572	7.507	-5.935
Central Mineira	2.060	2.594	-534	1.236	2.525	-1.288
Metropolitana de BH	6.306	18.226	-11.920	7.945	22.470	-14.525
Vale do Rio Doce	281	798	-517	732	443	289
Oeste de Minas	133	616	-483	249	1.331	-1.083
Sul/Sudoeste de Minas	422	1.504	-1.082	576	2.366	-1.790
Campo das Vertentes	147	144	3	93	143	-50
Zona da Mata	419	620	-201	312	670	-358
Totais	13.432	31.858	-18.426	16.408	41.562	-25.154

Fonte: IBGE, 1991 e 2000. Censo Demográfico de 1991 e 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor.

A mesorregião Vale do Jequitinhonha, em suas trocas populacionais com as demais mesorregiões do Estado, também apresenta uma dinâmica intensa com a mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte. Mais de 40 mil pessoas se movimentaram nesse

fluxo: Vale do Jequitinhonha/Metropolitana de Belo Horizonte, Metropolitana de Belo Horizonte/Vale do Jequitinhonha nos períodos 1986/1991 e 1995/2000. Em função dessa troca com Belo Horizonte é que o Vale do Jequitinhonha se torna um grande perdedor de população. Apesar da importância da mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte no cenário migratório dessa mesorregião, nos dois períodos analisados não se registrou nenhum saldo positivo do Vale do Jequitinhonha em relação às demais mesorregiões do Estado (TAB. 9).

TABELA 9: Imigrantes e emigrantes da mesorregião Vale do Jequitinhonha e saldos migratórios, segundo as mesorregiões de origem e destino. Minas Gerais, 1986/1991 e 1995/2000

Mesorregiões do Estado de Minas Gerais	1986/1991			1995/2000		
	Imigração	Emigração	SM	Imigração	Emigração	SM
Noroeste de Minas	52	364	-312	97	215	-117
Norte de Minas	1.002	1.630	-628	890	1.807	-917
Vale do Mucuri	1.826	3.105	-1.279	1.843	2.074	-231
Triângulo/Alto Paranaíba	73	452	-379	287	928	-641
Central Mineira	325	1.167	-842	296	694	-398
Metropolitana de BH	3.263	18.776	-15.513	5.208	24.690	-19.481
Vale do Rio Doce	1.313	1.544	-231	1.374	1.776	-402
Oeste de Minas	106	663	-557	160	1.628	-1.468
Sul/Sudoeste de Minas	113	901	-788	207	1.267	-1.061
Campo das Vertentes	39	104	-65	42	108	-66
Zona da Mata	237	384	-147	239	282	-43
Totais	8.349	29.090	-20.741	10.643	35.469	-24.825

Fonte: IBGE, 1991 e 2000. Censo Demográfico de 1991 e 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor.

Finalmente, tem-se a mesorregião Vale do Mucuri, com uma importante dinâmica emigratória com a mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte. Essa movimentação faz parte de uma rota migratória tradicional feita pela população dessa mesorregião. Essa troca acabou sendo determinante para a ampliação dos saldos negativos no Vale do Mucuri. Concomitantemente, as entradas têm sido, principalmente oriundas da mesorregião Vale do Jequitinhonha. Esse fluxo Jequitinhonha/Mucuri e vice-versa é o único a resultar em saldo positivo para o Vale do Mucuri (TAB. 10). A mesorregião Vale do Mucuri foi a única a sofrer retração nos seus volumes imigratórios, passando de 7.350 para 6.756, correspondendo a uma queda de aproximadamente 8%.

TABELA 10: Imigrantes e emigrantes da mesorregião Vale do Mucuri e saldos migratórios, segundo as mesorregiões de origem e destino. Minas Gerais, 1986/1991 e 1995/2000

Mesorregiões do Estado de Minas Gerais	1986/1991			1995/2000		
	Imigração	Emigração	SM	Imigração	Emigração	SM
Noroeste de Minas	-	-	-	19	92	-73
Norte de Minas	273	194	79	108	204	-95
Jequitinhonha	3.105	1.826	1.279	2.074	1.843	231
Triângulo/Alto Paranaíba	-	542	-542	187	390	-203
Central Mineira	22	110	-88	13	48	-35
Metropolitana de BH	1.912	11.780	-9.868	2.559	12.690	-10.131
Vale do Rio Doce	1.530	3.390	-1.860	1.440	2.964	-1.525
Oeste de Minas	151	441	-290	54	662	-608
Sul/Sudoeste de Minas	98	431	-333	181	468	-287
Campo das Vertentes	8	24	-16	11	55	-44
Zona da Mata	251	401	-150	110	356	-246
Totais	7.350	19.139	-11.789	6.756	19.771	-13.015

Fonte: IBGE, 1991 e 2000. Censo Demográfico de 1991 e 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor.

Os migrantes que deixavam as mesorregiões do Norte e Nordeste, principalmente, antes eram motivados pela promessa de uma vida melhor, de oportunidades mais fáceis de emprego, salários mais altos, entre outros, em resumo, eram iludidos por falsas expectativas, o que se transforma, hoje, numa complexa estratégia migratória onde, por vezes, existia o redirecionamento dos fluxos de origem rural pautado pelas guaridas de cidades médias e/ou grandes do mesmo Estado. Segundo Brito & Marques (2005, p.14), "... o Brasil de hoje fez da migração interna uma atividade risco. Antes era uma alternativa para a mobilidade social, agora é uma mera alternativa para a sobrevivência, e, mesmo assim indispensável."

Sugere-se que a pluriatividade e as rendas não-agrícolas, em algumas regiões, têm sido, também, um dos mecanismos que viabilizam a sobrevivência da pequena agricultura e que, de certa forma, ajudam a reduzir a emigração dos mineiros para os grandes centros urbanos do sudeste brasileiro (SCHNEIDER, 2006a, 2006b, 2000, SILVA, 1999), buscando, no entanto, espaços territoriais de Minas. A busca de espaços de curta e média distância pode ser percebida nos volumes migratórios interestadual e intraestadual. Um exemplo prático são as mesorregiões apontadas acima que apresentaram saldos migratórios intraestadual negativo maior que os saldos migratórios interestaduais. Para Schneider, o desenvolvimento de políticas de estímulo de atividades não-agrícolas em ambientes rurais pode contrapor-se à desertificação do espaço rural. O autor aponta algumas iniciativas de algumas políticas no país.

Com base nos números apontados neste estudo sobre as perspectivas de mudança da migração recente nas regiões históricas de perdas populacionais em Minas Gerais, constata-se haver uma tendência da migração intraestadual em redirecionar internamente os contingentes populacionais que outrora se dirigiam para outras UFs//Regiões do país.

4. Considerações Finais

A movimentação espacial da população de Minas Gerais que, no decorrer dos anos, foi mudando de intensidade em função das circunstâncias de cada mesorregião. As análises desenvolvidas neste estudo, baseadas nas informações do IBGE, nos Censos Demográficos de 1991 e 2000, permitiram um melhor conhecimento das mesorregiões históricas de perdas de população em Minas Gerais.

Comparando-se com às décadas anteriores, pode-se afirmar que, não obstante a continuidade das tendências anunciadas por estudos apontados na nota introdutória, algumas informações pertinentes podem ser apresentadas: a redução dos saldos migratórios negativos das mesorregiões mineiras em estudo em relação às outras Unidades da Federação, principalmente ao Estado de São Paulo e o surgimento de novas áreas de atração populacional no Estado mineiro.

Além do que foi considerado e fundamentado nos resultados acima, pode-se afirmar que os fluxos migratórios estabelecidos entre as mesorregiões de Minas Gerais Norte, Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri e as outras Unidades da Federação apontam tanto para mudanças no volume, como para a queda de intensidade nas emigrações interestaduais. Isto é, as mesorregiões mineiras apresentaram incrementos nos volumes imigratórios e redução no número de saídas para outras Unidades da Federação.

No cenário intraestadual mineiro, pode-se afirmar que houve: manutenção e intensificação nas perdas de população em regiões históricas – Norte, e Nordeste (Mucuri e Jequitinhonha) de Minas. Situação, essa, diferente do que ocorreu com a migração interestadual, onde houve um arrefecimento nas saídas de contingentes populacionais. Essas regiões históricas de expulsão de população vão reforçando o aumento significativo nos volumes migratórios, exceto a região do Mucuri que apresentou uma suave redução nos seus volumes. As mudanças de modalidade migratória podem estar aliadas às novas áreas de oportunidade que o Estado vem oferecendo, novas estratégias de migração e o fortalecimento e ampliação de redes sociais entre os migrantes no interior do Estado, as quais, segundo Rezende (2005), são calcadas na interação dos atores distribuídos em suas respectivas estruturas sociais.

Portanto, a dinâmica migratória intraestadual constitui outra modalidade importante para o Estado de Minas Gerais. Essa modalidade aponta para novas direções e sentidos dos fluxos de migração em Minas Gerais. Em função da precariedade das condições de vida em outras Unidades da Federação, a estratégia de migração tem sido pautada em direções/fluxos de curta distância. Pode-se inferir que algumas mesorregiões de Minas Gerais, em função do crescimento da sua economia, passaram a receber um crescente contingente imigratório, não só interestadual como também intraestadual. Essas mesorregiões foram dotadas de fortes externalidades positivas que possibilitam a expansão de novas atividades econômicas que, simultaneamente, atraíram novos imigrantes mineiros e tornaram factível reter a população que lá residia.

5. Bibliografia

AUGUSTO, H. dos A.; BRITO, F. Migrações em Minas Gerais: tendências recentes a partir da análise de suas microrregiões. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 12., 2006. Diamantina, MG. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2006. (Disponível em CD-ROM).

BAENINGER, R. São Paulo no contexto dos movimentos migratórios interestaduais. IN: HOGAN, D.J. (Org.) *et al.* **Migração e ambiente em São Paulo**: aspectos relevantes da dinâmica recente. Campinas: NEPO/UNICAMP. 2000a. p.127-169.

BRITO, F. Brasil, final do século: a transição de um novo padrão migratório? migratório? In: CARDEAL, A. (Org) **Transições migratórias**. Fortaleza: IPLANCE, 2002. p. 15-54.

BRITO, F.; MARQUES, D.H.F. As grandes metrópoles e as migrações internas: um ensaio sobre o seu significado recente. In: IV ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, 4., 2005, Rio de Janeiro. **Anais**. Campinas: ABEP, GT Migração, 2005. v. 1.

CARVALHO, J.A.M. *et al.* Minas Gerais e a região de planejamento VIII-Rio Doce: emigrantes internacionais e saldos migratórios da década de 1980. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 9., 2000, Diamantina, MG. **Anais**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2000. v. 2. p. 843-853.

CUNHA, J.M.P.; BAENINGER, R. A migração nos estados brasileiros no período recente: principais tendências e mudanças. IN: HOGAN, D.J. *et al* (Org.). **Migração e ambiente em São Paulo**: aspectos relevantes da dinâmica recente. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2000a. p.17-57.

CANO, W. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1995**. 2.ed. Campinas: UNICAMP /Instituto de Economia, 1998". 421 P.

IBGE. **Censo demográfico., 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 1980, 1991, 2000

FLORES, M.X. Qualidade de vida no meio rural. **Parcerias Estratégicas**. n.14, p.102-103, jun. 2002.

MARTINE, G. Estado, economia e mobilidade geográfica: retrospectiva e perspectivas para o fim do século. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.11, n.1, p.41-60, jan/jun. 1994a.

MATOS, R. Populações do Vale do Jequitinhonha e movimentos migratórios. In: IX SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 11., 2000, Diamantina, MG. **Anais**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 2000. p.885-904.

REZENDE, D.F.de **A Reflexões sobre os sistemas de migração internacional**: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários. 2005. 204p. Tese (Doutorado em demografia). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2005

RIBEIRO, E.M. **Lembranças da terra**: histórias do Mucurí e Jequitinhonha. Contagem: Cedefes, 1996. 235p.

RIBEIRO, E.; GALIZONI, F. Sistemas agrários, recursos naturais e migrações no alto Jequitinhonha, Minas Gerais. In: TORRES, H.; COSTA, H. (Org.). **População e meio ambiente**: debates e desafios. São Paulo: SENAC, 2000. p. 163-189.

RIBEIRO, E.; GALIZONI, F.; ASSIS, T.P. Os caminhos de São Paulo: migrações e trabalho urbano de agricultores mineiros. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. v.21, n.2, p.241-258, jul/dez. 2004.

RIGOTTI, J.I.R. **Técnicas de mensuração das migrações, a partir dos dados censitários; os casos de Minas Gerais e São Paulo**. 1999. 143 p. Tese (Doutorado em demografia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

RIGOTTI, J.I.R.; VASCONCELLOS, I.R.P. As migrações na Região Metropolitana de Belo Horizonte no limiar do século XXI. In: MENDONÇA, J.G.; GODIM, M.H.L. **População**: espaço e gestão na metrópole: novas configurações, velhas desigualdades. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2003. p.43-72.

SILVA, J.G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas, SP: UNICAMP/IE, 1996. 217 p.

SCHNEIDER, S. Actividades rurales no agrícolas y transformaciones del espacio rural: perspectivas recientes. **Cuadernos de Desarrollo Rural**, Bogotá, v.1, n.44, p.11-40, 2000.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e emprego no meio rural brasileiro: análise comparativa das Regiões Sul e Nordeste. **Parcerias Estratégicas**, v. 1, p. 217-244, 2006a.

SCHNEIDER, S. Políticas públicas, pluriatividade e desenvolvimento rural no Brasil. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 7., 2006, Quito, EC. [Anais.] 2006b.

Disponível em: <http://www.alasru.org/cdaldasru2006/21%20GT%20Schneider-Sergio.pdf>

6. Anexos

TABELA - A1: Distribuição da população da mesorregião Norte de Minas, segundo suas microrregiões. Minas Gerais, 1980, 1991 e 2000.

Microrregiões	1980			1991			2000		
	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
Januária	63.303	138.373	201.676	93.852	154.511	248.363	128.951	128.121	257.072
Janaúba	71.160	111.388	182.548	109.585	102.866	212.451	138.782	99.396	238.178
Salinas	39.165	120.874	160.039	65.008	119.431	184.439	100.636	99.167	199.803
Pirapora	64.495	45.092	109.587	108.561	38.127	146.688	127.147	27.655	154.802
Montes Claros	219.700	160.682	380.382	319.984	149.524	469.508	407.263	131.786	539.049
Grão Mogol	6.673	36.109	42.782	10.802	28.521	39.323	16.378	24.301	40.679
Bocaiúva	23.943	26.170	50.113	36.204	22.073	58.277	44.048	19.084	63.132
Norte de Minas	488.439	638.688	1.127.127	743.996	615.053	1.359.049	963.205	529.510	1.492.715

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1980, 1991 e 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor

TABELA - A3: Distribuição da população da mesorregião Vale do Jequitinhonha, segundo suas microrregiões. Minas Gerais, 1980, 1991 e 2000.

Microrregiões	1980			1991			2000		
	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
Diamantina	38.765	28.603	67.368	52.764	28.745	81.509	58.666	23.162	81.828
Capelinha	35.263	118.494	153.757	56.613	118.178	174.791	83.390	103.924	187.314
Araçuaí	39.489	101.279	140.768	54.015	95.392	149.407	67.385	84.466	151.851
Pedra Azul	38.576	40.002	78.578	50.248	32.952	83.200	57.134	28.113	85.247
Almenara	78.233	85.472	163.705	102.114	67.217	169.331	118.987	53.645	172.632
V. do Jequitinhonha	230.326	373.850	604.176	315.754	342.484	658.238	385.562	293.310	678.872

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1980, 1991 e 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor

TABELA - C3: Distribuição de taxa média de crescimento anual da população da mesorregião Vale do Jequitinhonha, segundo suas microrregiões. Minas Gerais, 1980/1991 e 1991/2000.

Microrregiões	1980/1991			1991/2000		
	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
Diamantina	2,81	0,05	1,74	1,20	-2,44	0,04
Capelinha	4,32	-0,02	1,17	4,37	-1,45	0,78
Araçuaí	2,86	-0,55	0,54	2,50	-1,37	0,18
Pedra Azul	2,41	-1,77	0,52	1,45	-1,79	0,27
Almenara	2,43	-2,19	0,31	1,73	-2,55	0,22
V. do Jequitinhonha	2,88	-0,80	0,78	2,26	-1,75	0,35

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1980, 1991 e 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor

TABELA - D3: Taxa de urbanização e densidade populacional da mesorregião Vale do Jequitinhonha, segundo suas microrregiões. Minas Gerais, 1980, 1991 e 2000.

Microrregiões	Taxa de urbanização			Densidade populacional	
	1980	1991	2000	1980	1991
Diamantina	57,54	64,73	71,69	10,96	11,01
Capelinha	22,93	32,39	44,52	14,14	15,15
Araçuaí	28,05	36,15	44,38	14,55	14,79
Pedra Azul	49,09	60,39	67,02	16,37	16,77
Almenara	47,79	60,30	68,93	10,96	11,17
V. do Jequitinhonha	38,12	47,97	56,79	13,01	13,42

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 1980, 1991 e 2000. Tabulações especiais do CEDEPLAR, elaboradas pelo autor